

Postura Clínica

sem sujeito e sem objeto

MD Magno

Texto retirado de fala do autor em 26 maio,
na décima seção da série de seus *SóPapos* 2018

15. Discursar em psicanálise não é universal, está sempre subdito à ordem do momento – A teoria de Lacan enquanto século XX: uma teoria paranoica e sobre a paranoia – Como pensar a postura clínica da NovaMente (sem a categoria de sujeito)? **16.** Modelo de qualquer Tesão (e de qualquer transa) sem sujeito: Ex-citação / in-citação / re-citação – A ética da psicanálise é mística – No Vínculo Absoluto é possível a comunicação de Inconsciente para Inconsciente – Tudo tem a ver com o masoquismo primordial.

15

Quero, durante algum tempo aqui em nossa conversa, tratar da questão da **Clínica**. Notem que, lá nos tempos do Colégio Freudiano, começamos bastante lacanianos. O sentido era fazer de conta que estávamos acompanhando as posições de Lacan, que eram recentes e nem mesmo implantadas no país. Lembro de estar falando em Lacan e o pessoal ou não saber do que se tratava, ou aqueles que supunham ter ouvido falar serem contra. (Agora o lacanismo é mais que moda, é uma igreja internacional. Como foi

a igreja de Freud. Aquilo é eclesiástico, sobretudo na medida em que estacionou. É, portanto, uma formação estacionária como outra. Todas as formações desse tipo – na filosofia, etc. – tendem à estagnação, à paralisação de seu movimento. Tanto é que, apesar de muitos terem pensado bastante, ainda existem patotas engraçadas na academia – heideggerianos, kantianos... –, a qual, aliás, é um museu de má qualidade. Por outro lado, o que faz qualquer um que esteja vivo em sua área é tomar os recursos que tem para pensar *hoje*).

Retomando, vínhamos, então, na experiência, no ensino e na textualidade de Lacan. Como lhes disse de outras vezes, depois que tive a excelente experiência de conviver com o último período de Lacan – que acho que foi o melhor por ele estar destruindo o que dissera antes –, já voltei da França com a noção da decadência do processo. Como não podia começar aqui pela decadência, pois ficaria esquisito, sobretudo por eu nada ainda ter articulado, continuei dentro do processo para evitar a decadência e ver se nascia algo. Na época, não disse isto a ninguém, pois, se o fizesse, seria, com toda razão, uma debandada. O que acontece é que, se não tornamos eclesiástico o movimento, se o deixamos continuar em movimento, necessariamente – penso eu que em qualquer campo do conhecimento, mas sobretudo no nosso – há que manter o deslocamento, senão mesmo a metamorfose do pensamento, isto é, da teoria e da prática da psicanálise. Qualquer coisa que tenha ficado para trás, ficou para trás. Isto porque não é

verdade, em absoluto, que o que se consegue discursar em termos de psicanálise seja universal. Podemos ter raciocínios e posturas universais, que servem para qualquer um em qualquer momento, mas a elaboração teórica do campo sempre estará subdita à ordem de seu momento.

Freud, enquanto pensamento, articulação, era alguém do século XIX, que, escutando-o (pois era o século que se deitava em seu divã), tentou atravessá-lo, mas acaba nas brebas do século XX formulando vários aparelhos teóricos compatíveis com sua escuta e com sua intervenção diante dessa escuta. Ele fez isto de modo brilhante e genial, mas é preciso entender que, geralmente, a composição cênica e literária do que se diz desse momento certamente tem embutida – pois ele realmente estava pensando – vários componentes que sempre serão encontrados. Entretanto, o mesmo não vale para a anedota de que ele utilizou para explicar. A anedota edipiana, por exemplo, é mera anedota, o que interessa é o raciocínio que ela embute. Se este for passado adiante será enquanto um morfema qualquer que pode se dizer de outro modo. E tem que dizer de outro modo, pois a anedota envelhece. Já a conclusão teórica, esta, pode permanecer (ou mesmo ser derrubada na sequência). Assim, aqueles que se dizem freudianos hoje e continuam repetindo as anedotas são casos do que chamo de Morfose Estacionária.

Como disse, o lacanismo desmorona em 1980 como instituição e é ultrapassado pela época. Ninguém diz nada fora de

sua época. Pode até projetar, apontar futuro, mas é dentro do escopo do que está vivendo e operando. Portanto, repetindo, não existe pensamento fora de sua época. O lacanismo acaba junto com Lacan. E mais, ele foi o último estertor do século XX – século este que, a meu ver, está derrogado. É um século inteiramente paranoico, com comportamentos da pior espécie. Quem viveu lá não percebia por estar acostumado com aquele nojo. A teoria de Lacan enquanto século XX é uma teoria paranoica e sobre a paranoia. Ele a escolheu como modelo, e a construção de seu teorema cheira a paranoia. Lacan até disse ser psicótico, mas é o psicótico de época, e não de loucura. Ele funcionava na base da psicose, e mesmo reduziu a ela muita coisa que não pertencia à ordem da psicose. Joyce, por exemplo, de que falei outro dia aqui. Ele se salva um pouco não com Joyce, e sim com o Marquês de Sade. Seu texto *Kant com Sade* (1962) é quase século XXI. Aqueles que acompanharam meu percurso de tentativa de pensamento desde o início devem ter percebido como eu pisava em brasas. Tentava arrumar de alguma maneira, sobretudo por causa da fixação do sujeito. Inventei todo tipo de sujeito para escapar dele – até que ele morreu. Isto significa que busquei os aparelhos de nosso momento, compatíveis com o mundo em que vivemos. Não conheço outros autores que tenham feito isso. Há aqueles que ficam comentando Lacan, Freud, mas não tentam escapar do “sujeito”. Deleuze tentou, mas seu conceito de esquizofrenia ainda tem muita coisa antiga. Ele é brilhante,

excelente, mas não escapou. Como eu disse, fez o que pôde em seu momento.

Então, diante dessa derrocada e da tentativa de reconstrução, como fica **nossa postura clínica**? Há de tudo por aí, inclusive entre nós. Como o movimento foi lento, não vejo que tenha colado aqui uma posição de analistas restrita a esta nova construção. Sei que é difícil, pois à medida que, teoricamente – e, portanto, com consequências clínicas –, eliminam-se determinados conceitos por considerá-los mofados ou superados pela situação de mundo, tudo se reconfigura, não se pode mais manter a configuração anterior. Devemos conhecer estas configurações, pois têm riqueza, entendimento, mas não se pode manter a mesma postura, seu comportamento ou modo de pensar. (Nisto é que considero o lacanismo em todo o mundo uma igreja repetidora de rezas, de orações. É, aliás, algo que acontece com qualquer pensamento. As pessoas melhor pensantes já perceberam isso). Como se pode, então, reestruturar não apenas a teoria, mas igualmente a prática, sobre uma ausência de sujeito, por exemplo? No fundo, uma vez que essa categoria se repete quase que necessariamente na ordem da linguagem, da gramática, etc., ficamos impregnados de tal modo que continuamos a acreditar nela. Observem que o sujeito que está na gramática não é o sujeito de Lacan, é a designação de alguém que fala.

O mais importante para sairmos do lodaçal do século XX, é eliminar o sujeito por ser impregnante demais e por já ter feito

muita sujeira. Já se pensou sem sujeito no planeta. Ele não é um existente com corpo e alma, mas apenas uma ideia a respeito da constituição das pessoas. Infelizmente, a maioria dos pensadores e criadores de teoria e clínica continua com ele organizando seu pensamento. Vocês conhecem algum que não seja assim?

- P – *Bruno Latour, os aceleracionistas, Nick Land...*

Não são de nossa cepa, mas está começando a comparecer um novo pensamento contemporâneo em que o sujeito foi definitivamente derogado.

- P – *Há também, no século XX, a cibernética, que trabalhava com sistemas, e não pensava em termos do humano, mesmo que se aplicasse a ele.*

É mais próxima de nós do que o pessoal subjetivo. Lacan mencionou a cibernética, mas não teve condições de considerá-la. Observem a ordem do discurso. Quais elementos compõem a formulação? Estão lá sujeito, objeto, significante, ou seja, a regência do sujeito. Ele tentou matá-lo chamando-o de mero intervalo, mas não susteve a posição de que há uma constituição subjetiva para cada “sujeito”. Já é brilhante por ter tomado o sujeito e dito que era um buraco que ficava ali no meio. Entretanto, sobretudo para um francês, é muito difícil escapar do sujeito. Há sempre aquela saudade, aquela nostalgia, de Descartes. Lacan fingiu que foi buscar em Heidegger, mas o que fez é meio suspeito.

- P – *Há também Nietzsche, Wittgenstein...*

Há vários pensadores sem sujeito. Em nosso campo é que o pessoal não conseguiu sair dele. É uma questão de vício religioso, eclesiástico, de ficar repetindo aquilo sem crítica.

Então, retomando: como articular teoricamente e se comportar clinicamente sem sujeito e sem objeto? Insisto por ser esta a matriz da questão aqui entre nós. Certamente, as pessoas estão impregnadas do anterior de tal maneira que, mesmo que repitam construções de nossa situação teórica, não estão pessoalmente se comportando dentro desse panorama. Já o expulsei, mas o sujeito não sai desta sala. De novo: como pensar, *na clínica* – teoricamente, várias coisas já foram colocadas –, sem sujeito e sem objeto? É um exercício que precisamos começar a fazer tanto teórica quanto praticamente. Como alguém se põe diante do analisando sem sujeito e sem objeto?

• P – *Há transas entre formações que não são simplesmente transitórias. Sua noção de trilhamento é importante no Primário, mas há uma transposição quando isso se lê no Secundário, o qual segue um equívoco ao tentar entender as situações específicas da IdioFormação. Identifica-se aí uma identidade, uma unidade e uma permanência que não são atribuíveis a ela. Como é uma situação que comporta sempre as mesmas formações, dá a ilusão de que uma identidade ali se estabeleceu e que esta identidade é o agente da ação, quando, na verdade, é apenas o processo que convocou as formações. As formações têm uma repetição da noção de sujeito que se deu no Secundário.*

A coisa se repete tanto que resta uma formação estacionária funcionando. Por outro lado, há que saber que, sem isso, infelizmente, não se vai a lugar algum, não se faz nada. Mas, em análise, o tempo todo, é preciso manter isso sob observação e tentativa de demolição. Pelo menos, para a pessoa achar suspeitas essas formações que ela carrega. O Secundário, em sua emergência, é nitidamente secundário. Na repetição é que ele imita o Primário. É o que chamo de Neo-Etologia. Mas o modo de pensar e de abordar as questões do analista nunca pode ser compatível com a estagnação. Esta é vista mediante tentativa de deslocamento, de entendimento, de pulverização. Chamo a atenção para que isto é diferente das posturas de Freud e Lacan. Ao observar o mundo, ou ao ouvir o analisando na ausência de sujeito e de objeto, o que estou tratando? Com o que estou tratando? Como funcionar diante disso? É preciso fazer estas perguntas. Evidentemente, estou falando com Pessoas – mesmo em nosso sentido de formações compostas de Primário, Secundário e Originário –, isto é, com essa trama de formações. Se um robô fizer isto, será uma Pessoa por ser uma IdioFormação. Chamo de Pessoa a IdioFormação comparecente diante de mim, a qual, por enquanto, só conhecemos a desta nossa espécie.

- P – *Há uma polifonia, um desentendimento entre as formações. Primeiro, em termos de existência, por terem idades diferentes. Segundo, por terem velocidades diferentes de*

processar as coisas. Terceiro, por experimentarem tempos diferentes. Ao nos aproximar disso, vemos que são muitas vozes.

Você disse corretamente, isso é polifônico. Se não tivermos escuta para isso, nada escutaremos. Cada caso é um caso. Não podemos ser o mesmo diante de um caso que é outro. Por que Freud começa a escutar Édipo? Se todos só “falavam Édipo”, ele escutaria o quê? O que mais vemos são pessoas repetindo incessantemente sua composição neo-etológica. É aí que temos que tentar mexer de algum modo. Para tanto, há que intervir, conversar, trocar. A postura de silêncio supostamente lacaniana é mentirinha.

16

Aponto o que está num de meus primeiros livros, *O Pato Lógico* (Seminário de 1979, publicado em 1986) – é nele, e depois em *A Música* (1982), que eu estava começando a montar o aparelho da Nova Psicanálise –, como modelo da *transa entre formações: excitação, in-citação e re-citação*. Compativelmente com Freud, com a psicanálise, este é o modelo de qualquer Tesão e de qualquer transa sexual. É o modelo de qualquer transa, se não colocarmos sujeito algum aí. O que há são formações de um lado e de outro.

Então, o que acontece a duas pessoas se um bom tesão comparece entre elas? Um é citado de fora (ex-citado) por determinadas formações que só podem citá-lo por serem compatíveis com formações que nele já estão. No que é citado de fora e há nele correspondência a esta citação, o processo é incitativo: ele é suscitado de dentro, pois já bateu ali. Só falta agora re-citar (o que é o mais difícil). E isso pode ser pensado em termos de texto. Por que gostamos de ler tal autor, e não outro? Trata-se do mesmo tesão, da mesma noção. É que há determinadas formações que citam de fora formações que estão aqui, e outras que vemos que existem, mas não conseguem citar, não têm correspondência. Aliás, quanto mais civilizados formos, mais correspondência teremos. A transação fica maior.

- P – *É analógico?*

Sim. No sentido lacaniano e dos estruturalistas, é substitutivo. Isto por causa de Jakobson. Como ele infeccionou o processo com metáfora, metonímia, etc., a coisa está sempre em processo de substituição. A analogia pode permitir um processo de substituição posterior, mas não é substitutiva. É: bateu, valeu! Olhamos para alguém e ficamos com tesão porque, analogicamente, as coisas se encontram. O que para um é um pedido comparece lá no outro. Aquilo cita nosso movimento pulsional. No que cita, a incitação comparece aqui em nós. Só falta, então, recitar. Isto também em sentido odiento. É um processo que ocorre igualmente na produção das teorias, nas

ciências... Por que algum cientista acha algo e outro não? Porque, com ele, deu para transar e, aí, transou. Podemos tomar a frase de Picasso – “cuando tuvieres ganas de joder, jode” – para entender o que acontece aí com todos. Cadê o sujeito, cadê objeto aí? O objeto sou eu ou é o outro? Não há objeto algum, só transa entre formações compatíveis, o que não significa que todas as outras formações sejam compatíveis, o que é óbvio em qualquer relação interpessoal. Por exemplo, podemos achar o outro um tesão, mas quando ele abre a boca, broxamos.

• P – *Há também o contrário, não damos nada por alguém e quando ele abre a boca achamos o máximo.*

Era o caso de Lacan. Como, ele que parecia um anão de jardim, conseguia transar com aquelas mulheres? Coisa sobre a qual já há vários livros publicados, inclusive por aquelas envolvidas. Eu o acho uma das figuras mais interessantes do planeta. Seu conceito de ética é absolutamente permissivo, o que fazia com que ele fosse libertino em matéria de erotismo. Entretanto, depois que saltei fora do sujeito, não posso concordar com que a ética da psicanálise seja “não abrir mão de seu desejo”. Como já cansei de dizer, ninguém abre mão de seu desejo. Simplesmente, às vezes, cala, pois as consequências podem ser violentas demais. A posição que o teorema da NovaMente pode tomar é: **a ética da psicanálise e do psicanalista é mística**. O fundamento é místico e o comportamento ético é em função dele. É a tentativa de superação das formações para chegar a uma

neutralidade, a uma indiferenciação – que não é possível ser atingida, mas que está em exercício, sem o que não se pode escutar o outro sem imediatamente transar. Lacan ficava no jogo entre a transa e a não-transa. Era capaz de transar com a moça e colocá-la no divã, mudar de posição. Quero dizer que o ético ali não foi o desejo do transador, e sim o desejo do analista. Vejam que isto é algo bem difícil.

A ética de Lacan é permissiva no sentido de que tem como meta última de uma análise reconhecer seu desejo e não abrir mão dele. Isto pode ser de qualquer naipe, de qualquer posição. A ética de Lacan termina aí. É importante a pessoa entender isso na análise, isto é, ela “se” enxergar e conseguir saber que seu desejo é assim-assim por ser sintomaticamente construído. Peço um passo a mais, que inclui o reconhecimento do desejo dos outros – e não do Outro, de Lacan, mas das outras pessoas –, a dialogação e a superação – que, inclusive, é política – de indiferenciação. Fora desse processo, não há política entre posturas diferentes que se aguentem sem guerra. Fazer a suspensão implica uma habilidade de transa para, sem guerra, manter a diplomacia permanente. Por que há guerras? Porque não há reconhecimento do outro. Reconhecer o outro é o processo de indiferenciação, é a ética da psicanálise: “Nada tenho a ver com você, seus gostos são avessos aos meus, mas preciso suspender isso, pois, na diferença, você é que-nem-que-eu”. Embora antigamente já houvesse cruzadas, etc., as guerras do século XXI estão cada vez mais

claras. O pessoal do islamismo, por exemplo, hoje, não quer reconhecer o outro de modo algum, tem que reduzir tudo a eles. É a doença concreta, em “estado” objetivo, se quisermos usar este termo. Não há diplomacia, não há conversa possível.

É preciso, portanto, uma posição estatutária para poder jogar cá embaixo com olho na indiferenciação. Tanto é que tentei inventar o que chamei de **Vínculo Absoluto**. Se há um Vínculo Absoluto, todo o resto é conversável. É lá que é possível a tal comunicação de Inconsciente para Inconsciente de que falava Freud, e também a comunicação diplomática entre formações. Para dialogar em extremo, é preciso uma referência que valha para ambas as formações em jogo e que possa ser responsável pelo processo diplomático.

- P – *É a nota comum, de que você falou em 1996.*

Em música, uma das maneiras de passar de uma construção tonal para outra é mediante uma nota comum entre as duas formações. O mesmo vale para a transa entre duas pessoas, é preciso uma nota comum para dar samba.

Refiro-me ao extremo. O conjunto de formações que compareceu diante das minhas só tem transas de ódio. É preciso, então, de uma referência inteiramente neutra, que suponho estar nas Pessoas, que é o Vínculo Absoluto, ou seja, o lugar onde todos doem da mesma maneira. Com referência a ele, dá-se um jeito de conviver, fazemos pactos, temos respeito. No caso do islamismo guerreiro contemporâneo – pois não é todo o

islamismo –, de que falei há pouco, não há conversa possível. Então, para criar alguma conversa, há que entrar com a dor que se refere ao Vínculo Absoluto, ou seja, é guerra: mata, mata... Isso dói. De repente, eles se mancam e param. O mesmo ocorre na clínica psicanalítica. Como fazer para que meus sintomas não fiquem interferindo na transa com o analisando? Isto porque interferem. Não dá para ser santo, pois, de vez em quando, nos vemos com alguma recusa, algum mal-estar, diante do analisando. Temos, então, que fazer referência ao Vínculo Absoluto e não deixar aquilo entrar em jogo. Não há sujeito ou objeto aí, o que há são transas entre as formações, as quais jamais saberei aonde vão. É uma repercussão infinita. Jogamos no meio de campo, que é onde reconhecemos as formações. E quanto mais indiferentes conseguirmos ser, mais aceitaremos mais formações: tudo é igual, nada temos a ver com elas.

Quanto à ética de Lacan, observem que, ao fazer uma demanda, peço que o outro faça para mim, mas, ao agir com meu desejo, sou eu que faço, estou pouco me lixando para o que o outro acha, quero e ponto! À medida que assumiu seus teoremas, Lacan era uma pessoa insuportável. Não adiantava demanda alguma, pois o desejo dele estava acima de qualquer coisa. Acho até que era demais. Falo de coisas banais como fazer escarcéu no restaurante porque não tinha o que *ele* queria comer. Lacanianos de hoje ficam fazendo silêncio, caras e bocas, coisas que não eram

dele. Era-lhe claro que não é possível esconder-se atrás de uma postura de defesa e que há mesmo que correr certos riscos.

Retomando o que disse no início, temos que conversar longamente sobre **Técnica** a partir do ponto de vista de que não há sujeito ou objeto. Acho, aliás, essa invenção muito esquisita: um *sub-jectum* dentro, e um *ob-jectum* fora. É preciso perguntar por que tal objeto é objeto para meu sujeito.

• P – *Parece que deveríamos perguntar por que a lata de sardinha estaria nos olhando. Refiro-me à passagem do Seminário 11, cap. VIII, em que Lacan teoriza a questão do olhar como objeto a: “E Joãozinho me diz: tá vendo aquela lata? Tá vendo? Pois ela não tá te vendo não”. Na sequência, Lacan comenta: “Primeiro, se tem sentido Joãozinho me dizer que a lata não me via, é porque, num certo sentido, de fato mesmo, ela me olhava. Ela me olha, quer dizer, ela tem algo a ver comigo, no nível do ponto luminoso onde está tudo que me olha, e aqui não se trata de nenhuma metáfora”.*

A lata está me vendo, e é capaz de me seduzir, de fazer o diabo comigo. Na lata, é o caso de dizer. Vejam que mesmo em Lacan temos indicações de que não há sujeito no objeto. Se só houvesse sujeito do lado de cá, a lata não estaria me vendo. Seria eu que, subjetivamente, estaria considerando o objeto como algo que tivesse a ver comigo.

• P – *Diz Nietzsche: “Quando se olha durante muito tempo para o abismo, o abismo olha para você”.*

E não é preciso muito tempo não. Eu tinha fobia de altura até, um dia, descobrir – não foi analista quem me disse – que meu medo era por ter uma imensa vontade de me jogar. Jogar-se, aliás, deveria ser uma maravilha. Ao descobrir que era por isso, não cheguei mais perto. São provas sintomáticas que tenho de minha infância. Aos sete anos de idade, sentado num balanço, pedia para meu pai me empurrar com cada vez mais força. Ao chegar lá em cima, a gravidade é zero. Na terceira vez que fui lá, gritei “Shazam!” e fui, pulei. Foi de uma imbecilidade perfeita. Quebrei o braço e aprendi que a coisa não é bem assim, que a gravidade volta. Vejam que há, sim, correspondência do lado de cá.

Há questões fundamentais para acompanharmos o movimento do Inconsciente. Caso que sempre cito é o da entrada do Terceiro Império via cristianismo. Um erro histórico da pior espécie. O cristianismo é sado-masô, precisa que haja certas maldades, certos sofrimentos, do tipo mulheres terem filhos indesejados sem poder abortar... Todos apaixonados rezando para aquele lá todo ferido na cruz. Que tesão é esse? A cultura grega não é sado-masô, é mais para o divertido.

• P – *O fato de o cristianismo ter colado até hoje tem a ver com o masoquismo primordial?*

Tudo tem a ver com o masoquismo primordial. Mesmo o fato de eu permanecer aqui. Alguém está vivo por quê? Por amar a vida ou por não conseguir sair dela? Por não ter cacife para ir embora? Quando a pessoa diz que ama a vida, isto é denegação?

Tenho a impressão de que há algo esquisito, de total ambiguidade, aí nesse lugar. É preciso entender que temos o momento do nascimento, em seguida vem a vida. Ora, é cataclísmico, se não for criminoso, alguém chegar a existir. Há mesmo um movimento por aí que defende acabar com o fazer filhos no sentido de acabar com a espécie. Estão errados. No pré, aí sim, há que pensar que não se vai fazer. Machado de Assis já escreveu em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881): “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”. É lúcido – até esse ponto. Mas, após alguém ter sido pego por todas as armadilhas e ter nascido, a postura muda radicalmente. Temos o Revirão do nascimento, e passamos a supervalorizar o fato de existirmos. Aí, matar os outros, ou mesmo suicidar-se, é estimado como delito. O momento do nascimento é ponto zero, o ponto neutro do Revirão. Este é que é o terror de nossa existência. Está no “Me Funai”, de Sófocles, que Lacan gostava de citar: Antes não tivesse nascido. Mas agora é tarde. Freud até faz a conhecida brincadeira de dizer que isso só acontece com muito pouca gente. Diz também Fernando Pessoa: “Se não te queres matar / Por que não te queres matar?” Todas essas são questões da análise, da clínica.